

EDITORIAL

Há alguns anos, em 2009, a Associação Humanista Britânica fez uma publicidade em cerca de oitocentos ônibus de Londres com os seguintes dizeres em letras garrafais: “*There is probably no God: Now stop worrying and enjoy your life*”¹ — “Provavelmente Deus não existe: então pare de se preocupar e aproveite a sua vida”. Essa ousada frase se espalhou por diversos países e, é claro, gerou discussões e polêmicas. Certas pessoas levantavam objeções como, por exemplo, a de que se Deus de fato não existe, por que, então, costuma haver tanta preocupação com Ele, como fazem — paradoxalmente — tantos ateus?

Dentre eles está a espanhola Amelia Varcácel, que chegou a admitir que “embora a religião seja irracional, a razão é religiosa. Tem, e não podemos evitar, ânsia de totalizar”.² Negava ela a razão de ser da religião; no entanto, não negava que havia algo de religioso em nossa razão: aquilo que ela chamou de “ânsia de totalizar”. Referia-se, talvez inconscientemente, à sede de transcendência que há no âmago da alma humana.

Ora, a explicação a respeito desse fenômeno não é nova. Na escola tomista, por exemplo, foi chamado de *desiderium naturale videndi Deum*, isto é, o desejo natural de todos os intelectos criados de ver a substância divina,³ o qual, diversamente, poderíamos denominar como sendo a busca do absoluto. Na linguagem bíblica, trata-se do eco das palavras do salmista: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei contemplar a face de Deus?” (Sl 41, 3).

Um fato poderia talvez ilustrar como isso acontece na realidade. Na cidade de Roma, durante a década de 1990, uma jovem chamada Francesca fazia seus estudos universitários. Pertencia ela a uma família muito abastada e possuía praticamente tudo o que queria. Sua carreira estava direcionada, tinha grandes promessas de casamento e um promissor futuro diante de si. No entan-

1) PHILLIPS, Melanie. *The World Turned Upside Down: The Global Battle Over God, Truth and Power*. San Francisco: Encounter, 2011, p. 307.

2) VARCÁCEL, Amelia. In: CAMPS, Victoria; VARCÁCEL, Amelia. *Hablemos de Dios*. Madrid: Taurus, 2007, p. 172: “Aunque la religión sea irracional, la razón es religiosa. Tiene, y no podemos evitarlo, ansia de totalizar”.

3) Cf. *Summa Contra Gentiles*, lib. 3, cap. 57, n. 4: “Omnis intellectus naturaliter desiderat divinae substantiae visionem”.

to, inusitadamente, essa moça foi encontrada morta numa estação de metrô, de forma bastante atroz: havia se suicidado. O que poderia ter levado aquela moça supostamente tão feliz a tirar a própria vida? A única coisa que a perícia encontrou junto dela foi um pequeno bilhete dirigido aos pais, com uma frase desconcertante: “Vocês me deram tudo o necessário, deram-me inclusive o supérfluo, mas não me deram o indispensável”. Não se sabe, evidentemente, quais pensamentos animavam Francesca quando cometeu o crime que escandalizou a sociedade romana. Mas não seria absurdo especular que ela o tenha feito devido a um vazio espiritual: a ausência do Indispensável, pois como escreveu São João da Cruz, “o homem não se satisfaz com nada inferior a Deus”.⁴

A respeito disso, expressivo é o ensinamento do Eclesiastes: “Tudo fez Deus no seu devido tempo, também pôs a eternidade no coração do homem” (3, 11). Ora, essa eternidade não é nada mais que a semente do absoluto inscrita no mais profundo da alma, graças à participação no próprio Ser de Deus. Assim, o homem não pode sequer evitar uma busca natural pelo Absoluto. O problema, na realidade, está em saber qual é o “absoluto” que cada qual formula para si.

Não há dúvida que o conhecimento do homem acerca de Deus é diverso do que possui a respeito de qualquer ser material. A abordagem desse tema na perspectiva do Cristianismo deu origem ao grande debate entre a chamada teologia apofática, isto é, a negativa, e a catafática, que visava fornecer os atributos de Deus de modo positivo.

Pseudo-Dionísio chega a utilizar termos complexos para se referir a Deus, como “Trindade supersubstancial, superdivina e superboa”⁵ ou “luz inacessível”.⁶ Santo Anselmo, em última instância, se limita a responder que “*nihil maius cogitari possit*”,⁷ São João da Cruz alude ao “*Todo*” em contraste com o nosso “*nada*”.⁸ São Tomás de Aquino atesta que o nome mais próprio de Deus é “Aquele que é”, porque, além de fazer referência às palavras da Escritura (Ex 3, 11), aporta diversas consequências: o Ser de Deus, que é a sua própria essência e sua universalidade não limitada por uma característica específica e que é eterno. O verbo no presente (“é”) indica precisamente essa

4) JOÃO DA CRUZ, Santo. *Cântico* 35, 1.

5) DIONYSIUS AREOPAGITA, Pseudo. *De mystica theologia*, I, 1 (PG 997A - versio latina).

6) DIONYSIUS AREOPAGITA, Pseudo. *Epistola* 5 (PG 1073A).

7) ANSELMUS CANTUARIENSIS. *Proslogion*, cap. 2 (Ed. F.S. Schmitt, vol. 1, 1946, p. 101, l. 4).

8) JOÃO DA CRUZ, Santo. *Subida del Monte Carmelo*, I, 13, 11-12.

continuidade no Ser. Por outro lado, de nossa parte, fomos, somos e seremos pó, como recorda a liturgia da Quarta-Feira de Cinzas.

Ora, justamente porque o homem é pó e está sujeito à morte (cf. Sl 81, 6), não pode ver a Deus em sua essência enquanto vive em seu corpo mortal,⁹ embora possa conhecê-Lo com a razão natural à maneira de efeitos que remontam à causa.¹⁰ No entanto, isso ocorre sempre à maneira de corujas incapazes de ver a luz do Sol.¹¹ Assim mesmo, através da graça podemos chegar a um conhecimento mais perfeito de Deus, como nos mistérios que superam a capacidade de nossa razão, a Unidade e Trindade de Deus, por exemplo, segundo afirmava São Tomás de Aquino.¹² Além disso, esse mesmo autor, com a maestria que lhe é própria, ensina-nos, através da doutrina dos nomes de Deus, o modo pelo qual se Lhe atribuem determinadas características, além do importante papel da analogia.¹³

Contudo, Deus é reconhecido, a partir da Revelação, com um nome muito específico: Jesus Cristo. Para operar a Redenção, enviou seu Filho Unigênito com o fim de nos elevar à vida sobrenatural. E a sua quiddidade foi revelada por Ele mesmo a todos os que se abrem à sua graça: Jesus é Mestre e Senhor (Jo 13, 13), Rei (Jo 18, 37), o Bom Pastor (Jo 10, 11.14), manso e humilde de coração (Mt 11, 29); em suma, o Filho de Deus (Jo 10, 36), o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14, 6).

Mas não basta reconhecer esses atributos ou ver os milagres operados pelo Salvador, como, aliás, ocorreu com Filipe, no momento em que pediu ao Senhor que lhe mostrasse o Pai (Jo 14, 8). Faz-se necessário aquele amor transformante e a união com Deus que tantos autores da espiritualidade cristã recomendaram ao longo dos séculos. Por eles também sabemos que a medida de amar a Deus consiste em amá-lo sem medida,¹⁴ e as almas que assim procedem são as mais aptas a responder cabalmente à pergunta: Quem é Deus?

9) Cf. *S. Th.* I, q. 12, a. 11, co.

10) Cf. *S. Th.* I, q. 12, a. 12.

11) *De malo*, q. 16, a. 8, ad 2.

12) Cf. *S. Th.* I, q. 12, a. 13, ad 1.

13) Ver *S. Th.* I, q. 13: *De nominibus Dei*.

14) BERNARDUS CLARAEVALLENSIS. *Liber de diligendo Deo*, n. 16 (ed. J. Leclercq et H.M. Rochais, 1963, vol. 3, p. 132, l. 15-18): "Hic primum vide, quo modo, immo quam sine modo a nobis Deus amari meruerit, qui, ut paucis quod dictum est repetam, prior ipse dilexit nos, tantus, et tantum, et gratis tantillos, et tales, et quod in principio dixisse me memini, modum esse diligendi Deum, sine modo diligere".